

COMPORTAMENTO DE HOMENS JOVENS ACERCA DO USO DO PRESERVATIVO FEMININO PELA PARCEIRA

Behavior of young men about the use of the female condom by the partne

Maria Vitória Aguiar do Rêgo e Vitória Maria de Arruda Passos
Orientador(a): Dra Tatiane Gomes Guedes
Coorientador(a): Ma. Thayse Gomes de Almeida

RESUMO

Nos homens, o conhecimento acerca do planejamento sexual e reprodutivo tende a ser menor, principalmente ao se tratar dos métodos contraceptivos. Por muitas vezes a mulher é a única responsável pela escolha do método contraceptivo. Torna-se importante, portanto, a realização de estudos que incluam o homem no processo do planejamento sexual e reprodutivo. A partir dos anos 2000, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) junto com o Ministério da Saúde iniciaram a distribuição do preservativo feminino nas redes de atenção à saúde. A instalação tem como efeito promover a autonomia sexual dos casais e uma maior compreensão do corpo feminino. Assim sendo, objetiva-se analisar os comportamentos de homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pela parceira. Apesar de ser o método mais efetivo para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez, ainda é pouco utilizado. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de abordagem quantitativa, realizado com 174 homens jovens, com idade entre 18 e 29 anos. Os participantes foram recrutados de forma remota (online) por meio de divulgação da pesquisa pela internet. O estudo obedeceu aos preceitos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS. O comportamento dos participantes acerca do uso do preservativo feminino pela parceira foi avaliado como “adequada” ou “inadequada”. Observou-se comportamento adequado para cerca de 40,8% dos participantes, significando uma boa visão geral sobre o preservativo, contudo, houve, em algumas questões específicas, comportamentos inadequados, totalizando 59,2%. Quando questionados sobre atitudes como deixar de praticar o ato sexual por falta do preservativo, 5,7% reforçaram que deixou de praticar, 92% não deixou de praticar o ato mesmo com a falta de preservativo e 2,3% deixaram de praticar algumas vezes. 89,7% responderam que a parceira não utilizou o preservativo feminino em sua primeira relação sexual e apenas 10,3% usaram. Conclui-se que o uso do preservativo feminino deve ser incentivado na população jovem, sendo necessário a implementação de ações educacionais que envolvam a participação do homem na escolha desse tipo de método contraceptivo, considerando a saúde sexual e reprodutiva do casal, o conhecimento acerca do método, o uso correto e os principais benefícios.

Palavras-chave: Preservativo feminino; Planejamento familiar; Homens; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Comportamento;

ABSTRACT:

In men, knowledge about sexual and reproductive planning tends to be lower, especially when it comes to contraceptive methods. For many times the woman is solely responsible for choosing the contraceptive method. Therefore, it is important to carry out studies that include men in the process of sexual and reproductive planning. From the 2000s, the National Health Surveillance Agency (ANVISA) together with the Ministry of Health began distributing the female condom in health care networks. The installation has the effect of promoting the sexual autonomy of couples and a greater understanding of the female body. Therefore, the objective is to analyze the behavior of young men regarding the use of the female condom by their partner. Despite being the most effective method for preventing sexually transmitted infections and pregnancy, it is still little used. This is a descriptive, exploratory study with a quantitative approach, carried out with 174 young men, aged between 18 and 29 years. Participants were recruited remotely (online) through the dissemination of the research on the internet. The study complied with the precepts of Resolution 466/2012 of the National Health Council and Circular Letter No. 1/2021-CONEP/SECNS/MS. The participants' behavior regarding the use of the female condom by their partner was assessed as "adequate" or "inadequate". Appropriate behavior was observed for about 40.8% of the participants, meaning a good overview of the condom, however, there was, in some specific questions, inappropriate behavior, totaling 59.2%. When questioned about attitudes such as not having sex due to lack of a condom, 5.7% reinforced that they stopped practicing, 92% did not stop practicing the act even with the lack of a condom and 2.3% stopped practicing sometimes. 89.7% answered that the partner did not use the female condom in her first sexual intercourse and only 10.3% used it. It is concluded that the use of female condoms should be encouraged in the young population, requiring the implementation of educational actions that involve the participation of men in choosing this type of contraceptive method, considering the sexual and reproductive health of the couple, knowledge about the method, correct use and main benefits.

Keywords: female condom; family planning; men; ist; knowledge;

1 INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, são adquiridas por meio de relações sexuais desprotegidas, podendo essas serem contraídas tanto pelo homem, quanto pela mulher, em que um esteja infectado no ato sexual sem proteção, podendo ser transmitida pela via oral, anal e vaginal (BRASIL, 2020).

Para a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), as IST são um grave problema de saúde pública e o seu enfrentamento requer diversas iniciativas, desde a ampliação do acesso à saúde até a elucidação da relação entre determinados comportamentos de risco e a incidência dessas infecções nas atividades educativas. Além disso, segundo a OPAS, mais de 1 milhão de casos de IST curáveis são diagnosticados em pessoas de 15 a 49 anos todos os dias no mundo (OPAS, 2019).

Diante desse cenário global das IST, a situação do Brasil não é diferente da de outros países. Dados recentes, publicados em boletins epidemiológicos da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde sobre as hepatites virais, a sífilis e as infecções pelo HIV (BRASIL, 2020a, 2020b e 2020c), indicam aspectos preocupantes. No sexo masculino há uma menor preocupação com a sua saúde sexual, do que comparado ao sexo feminino. Homens jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos tendem

a procurar menos os serviços de saúde para testes de detecção de IST (SPINDOLA, 2021).

Ao se tratar de saúde e bem-estar de homens jovens, há uma busca em envolver uma maior promoção de igualdade de gênero, abrangendo assim questões como sexualidade e planejamento reprodutivo. Nesse processo, é necessário avaliar particularidades sociais e como esta irão influenciar em seu conceito, como também a busca pela saúde e bem-estar (NASCIMENTO, 2018).

A saúde sexual e reprodutiva é definida como a liberdade de mulheres e homens desfrutarem de sua sexualidade, de forma segura e sem constrangimentos, tendo autonomia de decidir sobre quando e quantas vezes desejam se reproduzir, e em caso negativo, tendo direito de acesso à métodos eficazes e seguros para contracepção e prevenção de infecções transmitidas pelo sexo (DOS ANJOS BARBOZA *et al.*, 2021).

O uso do preservativo peniano ou vaginal (masculino ou feminino) em todas as relações sexuais (orais, anais e vaginais) é o método mais eficaz para evitar a transmissão das IST. Além disso, serve efetivamente para prevenir gravidez não desejada (FERNANDES, 2021). Em 2000, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), juntamente com o Ministério da Saúde, repassou o primeiro lote de preservativo feminino para as Secretarias de Saúde começarem a distribuir. Este dispositivo tem o papel de facilitar a autonomia sexual do casal, promovendo também um maior conhecimento do corpo da mulher (MORAES, 2018).

Uma das particularidades do preservativo feminino é que a borda externa recobre parte da vulva, oferecendo maior eficácia na prevenção das IST, em comparação com a o preservativo masculino, visto que este protege apenas o corpo peniano e a mucosa do canal vaginal, permanecendo regiões da vulva e do púbis vulneráveis à transmissão de microrganismos.

Apesar da baixa adesão, o preservativo feminino é considerado um método ideal, pois oferece dupla proteção, é de fácil colocação e não há características clínicas que contraindicam o uso. Outras características relevantes são o fato de não interromper a relação sexual, pois pode ser inserida horas antes do seu início; pode ser utilizada com vários tipos de lubrificantes, inclusive aqueles à base de óleo; sua matéria prima, o poliuretano, é hipoalergênico e pode aumentar o prazer feminino, pois a borda externa estimula o clitóris durante a relação sexual (FERNANDES, 2012).

O preservativo feminino promove a autonomia nas relações sexuais, o que facilita a argumentação para sexo seguro. Prevenindo contra IST e possível gravidez não planejada. No entanto, o comportamento negativo dos homens quanto a esse método, tem um grande impacto e pode ser uma barreira no seu uso (ALBUQUERQUE, 2015). Estudo realizado por pesquisadores do estado da Bahia (2019), observou o preservativo feminino sendo associado como tecnologia de proteção/promoção. Porém, com relação à frequência de seu uso, há uma preferência por métodos hormonais que pelo preservativo, atestando uma maior preocupação dos participantes em evitar a gravidez, que IST (MORAES, 2019).

Em geral, os homens conhecem os métodos contraceptivos de forma limitada, desta forma, a mulher é reconhecida como única responsável pelo planejamento reprodutivo, o qual, na verdade, deve ser vivenciado pelo casal (BORBA, 2017). O planejamento reprodutivo contribui para uma prática sexual mais saudável e constitui-se em um direito, devendo considerar o contexto de vida individual e as decisões de cada um, conforme suas necessidades (SILVA, 2020).

Torna-se importante, assim, a realização de estudos que possam contribuir com diminuição das diferenças de gênero e estimular o desenvolvimento de estratégias para a participação de homens jovens no planejamento reprodutivo. Como também, identificar o comportamento de homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pela parceria possibilitará a implementação de estratégias educacionais que visem a adesão responsável pelo uso desse método, superando questões culturais relacionadas a gênero, tão veementemente presentes em nossa sociedade.

Diante da importância de adotar medidas preventivas em saúde sexual e reprodutiva para homens jovens, a fim de uma participação efetiva na decisão sobre o melhor método para uso, compreende-se a relevância de responder o seguinte questionamento: qual o comportamento de homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pela parceira?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar os comportamentos de homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pela parceira.

2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar os participantes quanto aos aspectos socioeconômicos e culturais acerca do uso do preservativo feminino pela parceira;
- Averiguar a associação dos aspectos socioeconômicos e culturais com o comportamento dos participantes, acerca do uso do preservativo feminino pela parceira.

3 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de abordagem quantitativa. O estudo descritivo busca descrever os fenômenos e fatos ocorridos em uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Já o estudo exploratório tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito (GIL, 2007). A pesquisa quantitativa descreve as causas de um fenômeno e a relação de suas variáveis (Fonseca, 2002). Considerando uma maior abrangência para um estudo online, não foi possível determinar o local físico para a realização do estudo. Ressalta-se, no entanto, que a pesquisa tem como instituição proponente o Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Amostragem não probabilística, com seleção inicial de um grupo de pessoas, baseado nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. A partir desse grupo, foi obtido outros participantes, o que levou a um efeito bola de neve (MEYER, 2004). A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado (VINUTO, 2014).

Para a determinação do tamanho da amostra, foi utilizada a equação de cálculo de amostra para estudo de proporção em população infinita.

Em que: z = quantil da normal padrão (1,96, quando considerado um coeficiente de confiança de 95%);

p = prevalência esperada de homens com prática adequada ($p = 0,5$);

q = prevalência esperada de homens sem prática adequada ($q = 1 - p = 1 - 0,5 = 0,5$);

d = erro amostral ($d = 0,73$). Considerando o nível de significância de 95%, a margem de erro na estimativa de 7,3%, a prevalência esperada de 50% para o número de homens com prática adequada,

Sendo o número necessário de participantes para composição da amostra de 184 observações.

Para a coleta foi enviado, via e-mail e redes sociais, o link para preenchimento do formulário, sendo solicitado a indicação/disseminação para outras pessoas.

Foram incluídos homens de 18 a 29 anos, que tinham acesso à internet e que fossem alfabetizados, ao nível que permitam ler e compreender as perguntas realizadas no questionário. No Brasil, a Política Nacional de Juventude considera jovem todo cidadão na faixa etária entre os 15 e 29 anos (BRASIL, 2018). Neste estudo a idade mínima dos participantes foi considerada de 18 anos. Foram excluídos homens com conhecimento tecnológico limitado ou com alguma comorbidade que o impedissem de responder o questionário online.

Os participantes da pesquisa foram recrutados de forma remota (online) por meio de divulgação da pesquisa pela internet (WhatsApp, Facebook, Instagram e LinkedIn Inc). A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário que foi elaborado pela equipe de pesquisadores (ANEXO I), sendo este autoaplicável da plataforma do Google Forms, enviado juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o intuito de identificar o comportamento dos participantes acerca do preservativo feminino pela parceira. O questionário contou em sua primeira parte, com dados sociodemográficos e econômicos dos participantes. Na segunda parte contemplou perguntas direcionadas à prática frente ao uso do preservativo feminino.

No presente estudo, o comportamento dos participantes acerca do uso do preservativo feminino pela parceira foi avaliado da seguinte forma:

- **Comportamento Adequado:** A parceira já ter utilizado o preservativo feminino nas relações sexuais; o homem jovem ter ciência da maneira correta que o preservativo deve ser inserido, de modo a conhecer as peculiaridades do dispositivo e seus benefícios durante a prática sexual. Determinou-se um quantitativo de acertos de 75% para comportamento adequado, totalizando 7 ou mais pontos das perguntas obtidas no questionário, sendo cada resposta correta valendo um ponto.

- **Comportamento Inadequado:** A parceira não ter utilizado o preservativo feminino nas relações sexuais, ou o homem jovem conhecê-lo, mas não saber identificar sua utilidade, com percentual de acerto menor que 75% das perguntas obtidas no questionário.

Os dados foram processados no Epi-Info versão 3.5.2 para validação em dupla entrada, a fim de diminuir a possibilidade de erros na pesquisa. Após o processo de validação, os dados foram exportados para análise no Programa SPSS versão 22.0. Realizou-se avaliação estatística descritiva e inferencial. A análise ocorreu com base no referencial bibliográfico pertinente ao tema.

A realização da presente pesquisa obedeceu aos preceitos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e Carta Circular nº 1/2021-

CONEP/SECNS/MS. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE, com o número de parecer n.º 5.289.396.

4 RESULTADOS

Participaram desta pesquisa 184 homens jovens, foram consideradas 174 respostas seguindo os critérios de inclusão e exclusão, estes com idade predominante entre 21 e 26 anos, o que corresponde a 73,5% das respostas. Com relação a raça, 43,7% se autodeclararam brancos, 39,1% pardos, 13,8% pretos e 3,4% amarelos ou outros.

Grande parte encontrava-se solteiro (88,5%), seguido da porcentagem de 6,9% em união estável ou vivendo em união, e 4,6% casados. Quando questionados sobre possuir parceiras fixas, 70,7% dos participantes afirmaram que possuíam. Quanto ao número de filhos, 94,3% referiram não ter filhos, enquanto 5,7% possuíam um ou mais. Em relação ao nível de escolaridade, 53,4% responderam ter ensino superior incompleto, 31,8% ensino superior completo e 12,5% ensino médio completo, 2,3% não responderam. Mais da metade, 63,8% se identificou como cristão, 46,2% como não cristão ou preferiu não se declarar.

No que se refere à renda familiar, mais da metade (55,7%) afirmou ter renda entre dois e cinco salários mínimos, seguido daqueles com renda de um salário mínimo ou menos (21,6%), e (19,9%) uma média de cinco salários mínimos ou mais. A minoria (1,7%) optou por não declarar sua renda. Evidencia-se um padrão onde a maioria dos participantes se autodeclararam brancos, encontram-se solteiros, sem filhos, com ensino superior incompleto, com renda de dois a cinco salários mínimos e cristãos (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados socioeconômicos dos participantes da pesquisa em 2021.

VARIÁVEIS	N	%
ESTADO CIVIL		
Solteiro	154	88,5
Casado	8	4,6
União estável	3	1,7
Vivem em união	9	5,2
Total	174	100,0
NÚMERO DE FILHOS		
Nenhum	164	94,3
Um ou mais filhos	10	5,7
Total	174	100,0
RENDA FAMILIAR		
Prefiro não declarar	3	1,7
Menor ou igual a um salário mínimo	43	24,7

Entre dois e cinco salários mínimos	77	44,3
Entre cinco salários mínimos ou mais	51	29,3
Total	174	100,0

Participaram desta pesquisa homens jovens de 8 estados brasileiros, sendo o maior quantitativo de Pernambuco (74,1%), seguido de Alagoas (19,5%), São Paulo (2,3%), Paraíba (1,7%), Ceará (0,6%), Bahia (0,6%), Maranhão (0,6%) e Rio Grande do Norte (0,6%).

Neste estudo, o público deu início a sua vida sexual entre 12 e 25 anos, em que 89,7% responderam não ter utilizado preservativo feminino em sua primeira relação sexual e apenas 10,3% afirmam ter utilizado. Quanto ao uso do preservativo feminino nas práticas sexuais, 68,9% relataram nunca ter utilizado preservativo feminino na prática do casal. Quando questionados a respeito da insegurança acerca do uso do método: 25,9% não deixaram de praticar devido a insegurança, 2,9% deixaram de praticar sexo por alguma insegurança quanto ao uso do preservativo feminino, 2,3% deixaram de praticar algumas vezes. Quando interrogados a respeito do incentivo ao uso do preservativo feminino nas relações sexuais, 81% afirmaram nunca ter incentivado suas parceiras, 12,6% afirmaram que sim, já havia incentivado e 6,4% afirmaram incentivar às vezes. Os participantes, quando questionados quanto ao uso do preservativo feminino pela parceira nas práticas sexuais, 75,9% relatam nunca ter utilizado, 15,5% em apenas algumas práticas, apenas 8,6% afirmaram utilizar sempre em todas as práticas sexuais (Tabela 2).

Tabela 2 – Comportamentos de homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pela parceira. Recife, 2022.

VARIÁVEIS	N	%
USO DO PRESERVATIVO FEMININO NAS PRÁTICAS SEXUAIS		
Utilização em todas as práticas sexuais que realizam	15	8,6
Utilização em algumas práticas sexuais que realizam.	27	15,5
Nunca utilizam	132	75,9
Total	174	100%
USO DO PRESERVATIVO FEMININO QUANDO A RELAÇÃO DEIXOU DE SER “CASUAL”		
Sim	32	18,4

Não	31	17,8
Às vezes	05	2,9
Nunca utilizei o preservativo feminino	106	60,9
Total	174	100%

Quando indagados sobre a dispensa do uso do preservativo feminino depois que a relação deixou de ser casual, 60,9% relatou nunca ter utilizado na prática sexual, 18,4% afirmaram deixar de utilizar, 17,8% afirmaram não deixar de utilizá-lo diante desta situação e 2,9% dos participantes responderam “às vezes”.

Tabela 3 – Comportamentos de homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pela parceira. Recife, 2022.

VARIÁVEIS	N	%
PRÁTICA DO SEXO POR FALTA DE PRESERVATIVO FEMININO		
Sim	10	5,75
Não	160	92,0
Às vezes	04	2,25
Total	174	100%

NÃO UTILIZAÇÃO DO PRESERVATIVO FEMININO PORQUE A SUA PARCEIRA NÃO GOSTAVA

Sim	33	19,0
Não	139	79,9
Às vezes	2	1,1
Total	174	100%

ATITUDE DE INCENTIVAR O USO DO PRESERVATIVO FEMININO NA RELAÇÃO

Sim	22	12,6
Não	141	81,0
Às vezes	11	6,4
Total	174	100%

Quanto ao questionamento de deixar de praticar o ato sexual por falta do preservativo, 92% não deixou de praticar o ato mesmo devido à falta de preservativo, 5,75% reforçou que deixou de praticar e 2,25% “às vezes” deixou de praticar.

Além disso, referente a situação de deixar de utilizar o preservativo feminino porque a parceira não gostava, 79,9% afirmaram que não, 19% afirmaram que sim e 1,1% afirmaram que às vezes. Quanto ao incentivo do uso do preservativo feminino

na relação, 81% não incentivava suas parceiras, 12,6% incentivava, enquanto 6,4% as vezes fazia o incentivo do uso do preservativo feminino.

Tabela 4 – Comportamentos de homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pela parceira. Recife, 2022.

VARIÁVEIS	N	%
Comportamentos adequados	71	40,8%
Comportamentos inadequados	103	59,2%
Total	174	100%

Ao todo, 59,2% dos participantes apresentaram comportamentos inadequados relacionados ao uso do preservativo feminino pela parceira (Tabela 4).

5 DISCUSSÃO

O perfil de participantes se mostrou com um comportamento inadequado acerca da prática correta e utilização do preservativo feminino pela parceira, evidenciando assim, uma possível vulnerabilidade às questões sexuais e reprodutivas. De acordo com um estudo realizado no Rio de Janeiro em 2022, no que se refere à questão da vulnerabilidade em relação à saúde, grande parte dos jovens manifesta situações relevantes quando aborda-se à saúde, incluindo questões sexuais e reprodutivas (COSTA,2022).

Homens tendem a iniciar sua vida sexual mais precocemente. Neste estudo essa idade variou entre 12 e 25 anos, tendo como média a idade de 15,5 anos, corroborando um estudo realizado no município de Niterói acerca do uso do preservativo por adolescentes matriculados numa escola estadual do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, em que afirmava que a idade média da sexarca dava-se a partir dos 15 anos (DA MOTA *et al*, 2022).

Evidenciando outra pesquisa realizada em Santa Catarina no ano de 2006, que enfatizou a sexualidade como tratada de maneira diferente para meninos e meninas na educação sexual e nas normas socioculturais, de tal forma que meninos são estimulados a serem fortes, a demonstrarem sua masculinidade, com início das atividades sexuais precocemente (GUBERT, 2007).

Os jovens são a população mais sexualmente ativa, dentre os quais também têm desfechos negativos para a sua saúde sexual e reprodutiva (MOREIRA, 2018). Em contrapartida, as meninas ainda são encorajadas a adiar a primeira relação sexual o máximo possível. Essas diferenças destacam a necessidade de usar uma abordagem de gênero na pesquisa envolvendo sexualidade (GUBERT, 2007).

Entre os participantes, na primeira relação sexual, 89,7% não utilizaram preservativo feminino. Tomando por base esse contexto, um estudo realizado com 137 adolescentes de três escolas estaduais de um município brasileiro, observou que os principais motivos de não uso do preservativo pelos garotos que já tiveram relação sexual foram: não ter o preservativo no momento do sexo, diminuição das sensações e do clima provocado pela colocação do preservativo (MOREIRA *et al*, 2022).

A maioria apresentou estado civil como solteiro. Pode-se observar, assim, que um grande número de jovens que vivencia sua primeira relação sexual cada vez mais cedo, isto tem aumentado com o passar do tempo, uma vez que ao longo dos anos

homens tendem a se casar ainda mais tarde, colaborando também para o aumento do número de parceiras durante sua vida sexual, com uma maior abertura, sobretudo, para o sexo masculino (GUBERT, 2007). Outrossim, na pesquisa realizada em São Paulo/Niterói, constatou-se que 29,4% dos jovens tiveram relações sexuais sem utilizar preservativo e entre os adolescentes 35,3% afirmaram não gostar de utilizar o preservativo (DA MOTA *et al*, 2022).

Apesar de ser um dispositivo com instruções claras, de fácil compreensão e de distribuição gratuita em unidades de saúde no Brasil, ainda há pouca utilização deste método, segundo as respostas obtidas pelos participantes. Quando questionados quanto ao uso do preservativo feminino pelas parceiras nas práticas sexuais 75,9% relatam nunca ter utilizado, evidenciando o estereótipo envolvendo este método. Quando questionados a respeito do incentivo ao uso do preservativo feminino nas relações sexuais, 81% afirmaram não ter incentivado suas parceiras, 12,6% afirmaram que sim, já havia incentivado e 6,4% afirmaram as incentivar as vezes, reforçando a ideia da importância do cuidado da saúde sexual e reprodutiva do casal. Dados que convergem com o estudo de Mendes (2019), onde o mesmo aponta algumas razões para o não uso do preservativo, que incluem ideia que no preservativo reduz o prazer sexual, baixo conhecimento sobre risco de gravidez não planejada e IST, como também relacionamentos mais estáveis. Este último fator de recusa de uso costuma a ser associado com a confiança no relacionamento, o que reforça a importância do incentivo e consciência quanto ao uso do dispositivo pelo casal.

Neste estudo, destaca-se que apesar do perfil do grupo de participantes ser composto por uma renda de dois a cinco salários mínimos e alto grau de instrução observou-se um comportamento inadequado em 59,2% dos participantes, apontando um déficit em alguns pontos específicos, como questões envolvendo sua funcionalidade e conceitos na prática. Além disso, cerca de 40,8% dos entrevistados apresentaram comportamentos adequados sobre o preservativo, reforçando o valor da educação em saúde voltado ao âmbito sexual e reprodutivo.

Ressalta-se que ter acesso ao preservativo feminino e seus benefícios é um direito reprodutivo. Os direitos reprodutivos, a liberdade de escolha do método contraceptivo são fundamentais na área da regulação da fecundidade. E, para optar por um método contraceptivo de forma livre e informada, é preciso conhecer e ter acesso a todos os métodos anticoncepcionais cientificamente aprovados e disponíveis, escolhendo aquele que seja mais adequado às suas características e às suas condições de vida em cada momento (BEZERRA, 2018).

Apesar do preservativo feminino ser um preservativo de fácil acesso e uso, ainda existem muitas dúvidas ao seu respeito, como também desconhecimento de suas principais vantagens, como tempo de colocação e designer que lhe oferece uma maior proteção (ALBUQUERQUE, 2015).

Sabe-se que o uso deste dispositivo deve ser utilizado em todas as práticas sexuais para que ocorra de forma mais ampla a prevenção não somente da gravidez, mas, também, das IST. Contudo, tem se observado uma diminuição no uso de preservativos, principalmente, quando se trata do público-alvo em questão, apesar de ainda representarem a maior proporção de uso (BRASIL, 2018). Ademais, durante a busca bibliográfica encontrou-se grande dificuldade na análise das referências, principalmente ao se tratar de estudos mais específicos a respeito do conhecimento do indivíduo masculino acerca do preservativo feminino, fortalecendo a relevância dessa temática, que vem a somar uma vez que, está ligada diretamente à questão de saúde pública, interligando assuntos significativos, como saúde do homem, saúde sexual e planejamento reprodutivo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), juntamente com as Nações Unidas, acreditam que promover o planejamento reprodutivo de forma voluntária e segura é um direito humano, que visa garantir igualdade de gênero, autonomia, bem como a redução considerável da pobreza. No entanto, o acesso tanto à educação quanto aos métodos contraceptivos está intimamente relacionado às dinâmicas sociais, culturais, políticas e religiosas, além das particularidades que envolvem cada faixa etária, o que influencia diretamente na eficácia destes na prevenção das gravidezes não planejadas (TODD; BLACK, 2020).

6 CONCLUSÃO

O estudo possibilitou analisar o comportamento dos homens jovens acerca do uso do preservativo feminino pelas parceiras. Apesar de uma considerável parcela dos participantes apresentar comportamento adequado, a maior porcentagem dos mesmos apresentou comportamento inadequado, apontando o significativo valor envolto ao tema, que rodeia tanto questões de saúde pública, como também traz destaque para os aspectos sociais.

O uso do preservativo feminino ainda é de adesão baixa, visto que, até este momento não é pauta frequente de discussão quando se fala de sexo seguro, mesmo com suas inúmeras vantagens como dispositivo para planejamento sexual, como também reprodutivo.

Levando-se em consideração que as infecções sexualmente transmissíveis estão entre os problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo e sendo o preservativo feminino um dos meios mais seguros para a prevenção, como também prevenção de gravidez indesejada, é de suma relevância que os profissionais de saúde estejam bem capacitados e informados sobre o método, a ponto de repassar seguramente e com convicção as informações à população, ministrar palestras e ações educativas nas unidades de saúde e espaços educacionais de ensino, para promover e indicar seu uso com competência, destacando o compromisso, a ética e o respeito à escolha e à tomada de decisão dos usuários, respeitando seus direitos sexuais e reprodutivos, incluindo a participação de homens nas ações educacionais sejam em unidades de saúde ou outros espaços, contribuindo para que o preservativo feminino saia da vitrine para fazer parte do cotidiano.

Os dados aqui apresentados podem contribuir para direcionar ações envoltas a necessidade de trabalhar essa temática, seja em escolas por meio de programas de educação em saúde para preparar esses jovens para o início de uma vida sexual de forma saudável, como também em outros locais, como nas universidades, a fim de proporcionar um comportamento adequado para aqueles que ainda mais cedo não tiveram acesso à educação sexual de qualidade.

Além disso, se faz necessário fortalecer as políticas de saúde que atendem os adolescentes e homens do nosso país, a fim de conscientizá-los acerca de sua saúde sexual e reprodutiva, levando em consideração a precoce iniciação sexual destes.

Por fim, sendo o enfermeiro um profissional que atua junto a essa população nos diferentes cenários do cuidado, especialmente na atenção básica, é necessário atuação mais efetiva no que se refere às ações de educação em saúde direcionadas à saúde sexual e reprodutiva desse grupo específico.

Sugere-se, assim, que futuros estudos possam ser conduzidos, no sentido de identificar e desenvolver estratégias eficazes de promoção do preservativo feminino, envolvendo o sujeito masculino na escolha e na adesão ao método.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. Autonomia sexual feminina: o preservativo feminino nas práticas eróticas. Revista Saúde. com, v. 11, n. 2, p. 123-136, 2015.

Apostila. GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

BORBA, C. M; SANTOS, E. M; PIRES, P. S; COSTA, M. M. L; Homens e suas percepções sobre planejamento familiar – vasectomia. Revista Enfermagem Atual, 2017. Disponível em < <https://doi.org/10.31011/reaid-2017-v.82-n.20-art.300>>.

BRASIL, Estatuto da Juventude. Previdência da república, casa civil. Decreto nº 9.306, de 2018

BRASIL. Ministério da saúde. Infecções sexualmente transmissíveis: o que são e como prevenir. 2020. Disponível em: Ministério da saúde: <http://portalms.saude.gov.br/saudede-az/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist>. Acesso em agosto 2022.

BRASIL, República Federativa. Ministério da Saúde. Hepatites virais2020. Boletim Epidemiológico, Brasília, n. especial, jul. 2020a.

BRASIL. Sífilis2020. Boletim Epidemiológico, Brasília, n. especial, out. 2020b.

BRASIL, República Federativa. Ministério da Saúde.HIV/Aids2020. Boletim Epidemiológico, Brasília, n. especial, dez. 2020c.

BRITO, RS, Santos DLA. Contextualizando o homem no planejamento familiar: um estudo bibliográfico. Rev Pesqui Cuid Fundam (Online). 2011;3(1):1720-28

CARTA CIRCULAR nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS. Brasília, 03 de março de 2021. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/CARTAS/Carta_Circular_01.2021.pdf.

COSTA, Simoni Furtado da et al. Vulnerabilidades sociais e iniciação sexual entre 10 e 14 anos em estudantes do município do Rio de Janeiro, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, p. 2763-2776, 2022.

DA MOTA, Cristina Portela et al. Uso de preservativos por adolescentes do ensino médio de escola pública federal do município de Niterói. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e26611427419-e26611427419, 2022.

DOS ANJOS BARBOZA, Jéssica Soares et al. Utilização de métodos contraceptivos entre discentes do curso de Enfermagem de uma Universidade do Nordeste. Research, Society and Development, v. 10, n. 4, p. e20410413886-e20410413886, 2021.

FEMININO. rev de psicologia. v. 14, n. 51 (2020).

FERNANDES, Flávia Nunes et al. PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. Seminários de Biomedicina do Univag, v. 5, 2021.

FERNANDES, Ruanna Lorna Vieira; ESCOLÁSTICA, Rejane Ferreira Moura; RODRIGUES Aline Feitoza; Evangelista, Danielle Rosa; Oliveira Batista Oriá, Mônica. Conhecimento, Atitude e Prática relacionados ao Preservativo Feminino. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, Ceará-Fortaleza, v. 13, n. 4, pp. 755-765, 2012.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GUBERT, D; MADUREIRA, V. S. F; Iniciação sexual de homens adolescentes. IGrupo de Estudos e Pesquisa de Gênero Fogueira, Universidade Comunitária Regional de Chapecó. Chapecó SC; 2007.

Moraes AAS, Suto CSS, Oliveira EM, Paiva MS, Ferreira CSB, Barreto MASA. O olhar de alunas de escola pública sobre o preservativo feminino. Rev Gaúcha Enferm. 2019;40:e20180277. doi:<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180277>.

MOREIRA, Anderson da Silva e cols. Fatores associados ao não uso de preservativo por adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 5, pág. e54011528450-e54011528450, 2022.

MORRIS, S. R. Visão geral das doenças sexualmente transmissíveis. jul. 2019.

NASCIMENTO, MAFD, Uziel AP, Hernández JG. Young men in juvenile detention centers in Rio de Janeiro, Brazil: gender, sexuality, masculinity and health implications. Cad Saude Publica. 2018 Feb 19;34(2):e00177916. doi: 10.1590/0102-311X00177916. PMID: 29489951.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis. 6 jun. 2019. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5958:a-cada-dia-ha-1-milhao-de-novos-casos-de-infecoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis&Itemid=812. Acesso em 09 de set. 2022

SILVA, J. G e et.al. A ÓTICA DA MULHER ACERCA DO PRESERVATIVO.

SPINDOLA, T. e et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. Ciência & Saúde Coletiva, 26(7):2683-2692, 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.